

**Da rachadura no espelho aos processos de subjetivação
do sujeito-mulher em (des)constituição em páginas feministas
brasileiras na web**

From the cracking in the mirror to the subjectivation procedures of the
subject-woman in deconstitution on brazilian feminist pages on the web

Mariana Guidetti Rosa

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil)

Mariana Morales da Silva

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil)

RESUMO

Artigo baseado em uma pesquisa de Mestrado ainda em fase embrionária. Com o objetivo de compreender como se dá a subjetivação do sujeito "mulher" e como o discurso feminista se manifesta na web, propõe-se demonstrar uma análise de uma postagem da página do *Facebook* "Empodere Duas Mulheres", que se diz feminista, e também dos comentários da mesma postagem. A pesquisa está ancorada na Análise do Discurso de orientação francesa de Michel Pêcheux, nas teorias sobre hipergênero e cenografia propostas por Dominique Maingueneau, e também nos conceitos de poder e modos de subjetivação de Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Hipergênero. Feminismo. Cenografia.

* Sobre as autoras ver página 167.

ABSTRACT

This is an article based on a Master's research still in the embryonic stage. In order to understand how the subjectivation of the subject "woman" occurs and how the feminist discourse manifests on the web, it is proposed to demonstrate an analysis of a post from the "Empodere Duas Mulheres" Facebook page, which is said to be a feminist, as well as comments from the same post. The research is anchored in Michel Pécheux's French-oriented Discourse Analysis, the hypergender and scenography theories proposed by Dominique Maingueneau, and Michel Foucault's concepts of power and modes of subjectivation.

KEYWORDS: *Discourse. Hypergender. Feminism. Scenography.*

1 Considerações iniciais

Convocamos o espelho juntamente com seus reflexos e refrações não em um sentido de unidade, tampouco de repetição perfeita de uma imagem ou sujeito. Trazemo-lo na ideia da fragmentação, o espelho quebrado, o sujeito cindido. Preferimos os espaços entre rachaduras, as descontinuidades da imagem refletida entre um caco e outro à tentativa (impossível) de remendar, colar e reparar a imagem perfeita, que nunca existiu.

Por nossa filiação à Análise de Discurso francesa, chamamos para a construção deste artigo a noção deste outro espelho como efeito metafórico da web, mais especificamente na constituição/identificação/subjetivação de sujeitos, imagens e discursos em páginas feministas brasileiras hospedadas na rede social *Facebook*. Dessa forma, mobilizamos os sentidos de sujeito-mulher constituído na e pela linguagem, na história e atravessado pela ideologia, ou seja, importam-nos os reflexos refratados do sujeito-mulher em sua incompletude constitutiva, o sujeito de linguagem, que, em sua prática discursiva, é atravessado por efeitos de capturas e rupturas ideológicas sobre o que é ser e poder ser mulher e sobre a circulação de *lexias*¹ associadas a esse imaginário na sociedade da era digital.

Historicamente, ao sujeito-mulher são associados discursos que trazem o efeito (ilusório) de unidade, como se fosse possível alcançar um padrão pré-construído. Pereira (2014), em seu estudo sobre o discurso midiático-publicitário acerca do brinquedo, aponta como, ainda hoje, sentidos sobre feminino e masculino são construídos de forma quase dicotômica, o que leva sujeitos-meninas e sujeitos-meninos a ter suas imagens e lugares sócio-ideológicos determinados por uma divisão radical de cores, formas e temas. Segundo a autora, desde a mais tenra infância, aos sujeitos-meninas são destinadas práticas discursivas que reverberam sentidos de contemplação, contensão, domesticação, passividade e obediência por meio de brinquedos que

¹ Na pesquisa, foram eleitas três *lexias*, “sororidade”, “empoderamento” e “feminicídio”, mas para as análises deste texto, centraremos-nos nas duas primeiras.

reproduzem práticas domésticas, de maternidade e relativas à beleza, na edificação da imagem ideal a ser refletida.

A construção do lugar da mulher, de sua imagem e dos discursos que falam sobre ela e para ela, também é legitimada pela literatura brasileira dos séculos XIX e XX (PEREIRA, PACÍFICO, ROMÃO, 2009), sobretudo na voz de autores masculinos². Determinadas por sentidos de silêncio e silenciamento que atravessam a construção de personagens emblemáticas de nossa literatura, algumas delas protagonistas, naturalizando o sentido dominante sobre mulher, que só teria o direito de ocupar uma posição sempre inferior e de submissão ao homem, o sujeito de poder. Compreendemos, dessa forma, como afirmam as autoras, que:

A linguagem e os sentidos que fazemos circular, influenciam diariamente em nossos atos e expectativas e a ideologia, muitas vezes, impede que nos demos conta disso. Por outro lado, “por maior que sejam os esforços desta tentativa de controle dos sentidos, estes sempre transbordam, escapam, aparecem de outra maneira, e essa tensão acaba gerando possibilidades diferentes de leituras” (PACÍFICO, 2002, p. 26), que possibilitam pequenas transformações graduais e a construção de novos sentidos sobre uma mesma coisa (PEREIRA, PACÍFICO, ROMÃO, 2009, s/p).

Compreendemos que é pelo efeito da contradição constitutiva de sujeitos e sentidos que estamos, atualmente, presenciando um forte movimento polêmico e polissêmico nas redes sociais, lugar digital no qual sujeitos encontram espaço para escrever e se inscrever/desinscrever. Dois acontecimentos, um de 2015 e outro de 2016, contribuem para ilustrar o cenário brasileiro tenso e polêmico dos sentidos que circulam sobre mulher no país e no nosso lócus de interesse, seus efeitos nas redes sociais.

Conforme reportagem de Lima (2015), 12 mil curtidas e 3,5 mil compartilhamentos foram registrados em uma postagem na página feminista do *Facebook* “Empodere duas mulheres”, que comemorava a inclusão da questão do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)³ que trazia Simone de Beauvoir com sua célebre frase:

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário

² Conforme estudo, que trabalhou na interface língua/literatura, foram analisadas formulações e circulações de sentidos sobre o feminino nas obras: *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós (1878), *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1899, publicado em 1900), *Negrinha*, de Monteiro Lobato (1920), além de *A hora da Estrela* (Clarice Lispector, 1977).

³ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é aplicado em âmbito nacional como meio de avaliar o Ensino Médio no país e é uma das principais formas de ingresso no ensino superior, seja para instituições públicas ou privadas via SISU, PROUNI, PRONATEC ou FIES (financiamento estudantil).

entre o macho e o cadastro que qualificam o feminino (BAEUVOIR, ANO, apud BRASIL, 2015).

Relevante marcar, como Lima o fez, que a autora d'O segundo sexo foi a única autora mulher a ser citada no Exame, que teve como tema de redação "a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira".

Mais recentemente, em abril de 2016, foi publicada uma reportagem de capa pela revista *Veja* sobre a então vice-primeira-dama, Marcela Temer, caracterizando-a como "bela, recatada e do lar". Corroboramos a posição de Ribeiro (2016), quando esta afirma não importar a posição (escolhida ou não) da personagem discursivizada pela revista, mas, sim, o efeito que tal discursivização provoca ao enaltecer aquela imagem/posição como único modelo ideal e aceito de ser assumido pelas mulheres, o que retorna à noção ilusória de possibilidade de reflexo uno e perfeito do espelho. Como reação, encontramos com a campanha levantada pelo uso, na web, da hashtag "#belarecatadaedolar", que, de acordo com reportagem de Carlos (2016), até quatro dias após lançamento da edição da revista alcançou cerca de 4 mil publicações, dados apenas no Instagram, com fotos de sujeitos-mulheres brasileiras "que fogem ao padrão de mulher sugerido".

Com esta breve contextualização do cenário brasileiro em relação aos sentidos em conflito sobre mulher, neste artigo mobilizamos sentidos sobre mulher e feminismo circulante em páginas brasileiras de redes sociais.

Compreendemos que há diferentes processos de subjetivações (FOUCAULT, 1984, 1985, 1995) produzidos em relação à posição da mulher nos discursos na web. Na tentativa de compreender como se engendram esses processos, devido ao espaço disponível deste artigo, elegemos uma publicação hospedada na página feminista "Empodere duas mulheres" e as reações do público usuário da rede que acompanha a publicação, tendo em vista analisar como o discurso Feminista se manifesta nas redes sociais e quais os processos de subjetivação vinculados à mulher produzidos nos discursos que ali circulam.

Mobilizamos, assim, conceitos de hipergênero, cenografia e formação discursiva conforme o autor Dominique Maingueneau, e também relações de poder e modos de subjetivação, de Michel Foucault.

A metodologia para as análises pauta-se no reconhecimento das diferentes cenografias e como elas são mobilizadas; na sequência, como o interdiscurso irrompe nos discursos da publicação e dos sujeitos em interação.

2 Escopo teórico-metodológico

Por nossa filiação à disciplina de entremeio, tecemos, neste escopo teórico, um diálogo possível entre estudos discursivos (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 1996, 2007) à noção de dispositivos de processos de subjetivação (FOUCAULT, 1984) e os estudos de hipergênero e cenografia (MAINGUENEAU, 2006, 2007, 2013, 2015).

Esses diálogos são suscitados a partir do momento em que compreendemos o sujeito como discursivo, o sujeito de linguagem, afetado pela história e atravessado ideologicamente, ou seja, o sujeito não uno, o sujeito cindido, em curso, em movimento contínuo de inscrição e desinscrição.

E, como nosso *locus* de interesse é a web, mais especificamente o sujeito em circulação e constituição nas e pelas redes sociais, chamamos para compor nossas reflexões a noção de dispositivos de processos de subjetivação, a noção de hipertexto e a teoria sobre cenografia, que contribuem sobremaneira para refletirmos acerca da questão aqui delimitada.

Compreendemos que, quando Foucault (2006) discorre sobre os dispositivos de processos de subjetivação, é possível incluir como um dos dispositivos, o funcionamento da web.

De acordo com o Michel Foucault (2006), os dispositivos são

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciações científicas, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. Dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2006, p. 244).

Conforme o autor (1995), os dispositivos de processos de subjetivação estão, sempre, inter-relacionados com as questões de poder. Essa inter-relação está tão intrinsecamente constituída, que foi necessário ao estudioso marcar que, em sua trajetória, não objetivou “analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise”, mas, sim, compreender os “diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 2006, p. 231).

E, segundo o autor, o sujeito é constituído nessa relação de poder por meio dos processos de subjetivação. Foucault (1984) questiona sobre as práticas discursivas na distribuição do saber, ou seja, manifestações do poder sobre as quais tece a seguinte reflexão:

[...] me levava a interrogar-me sobretudo sobre as relações múltiplas, as estratégias abertas e as técnicas racionais que articulam o exercício do poder. Parecia agora que seria preciso empreender um [...] deslocamento a fim de analisar o que é designado como “o sujeito”; convinha pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito (FOUCAULT, 1984, p. 11).

Com esse objetivo em pauta, Foucault, então, trouxe-nos a contribuição da noção de processos de subjetivação. Entendemos que o teórico (2006) realiza um interessante movimento que nós, filiados à AD, compreendemos pela via discursiva. De acordo com seus estudos, ao refletirmos sobre relações de poder, oposições entre posições em conflito socialmente determinadas, é necessário que compreendamos que se trata de práticas que, por nossa filiação, defendemos serem sempre ideológicas e discursivas. Ou seja, a discursivização sobre a posição sujeito-criança é tecida a partir do conflito entre o que é permitido, negado e legitimado para a posição

sujeito-menino e o que é permitido, negado e legitimado para a posição sujeito-menina. Ao haver posições sujeito discursivizadas de formas diferentes, entendemos que nos encontramos com processos de subjetivação distintos. Em suma, ao considerar que o sujeito constitui-se nessa região de conflito, oposição e tensão, questiona-se a distribuição desigual do poder.

Em suma, ao questionar a distribuição desigual de poder reagindo a ela, não se ataca uma instituição de poder ou classe, mas, antes, uma forma de poder, que está capilarizada por toda a sociedade.

É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Como os processos de subjetivação estão estritamente relacionados aos dispositivos (no caso, o *Facebook*), trata-se de analisar esses processos no sujeito-mulher em circulação na web a partir das lexias “empoderamento” e “sororidade” em circulação em páginas Feministas brasileiras.

Defendemos que os espaços (que são sempre ideológicos) pelos quais o sujeito transita, por meio de práticas de poder discursivas, nesse constante processo de inscrição/desinscrição, funciona como parte e trajeto constitutivo do sujeito.

Aproximando, então, Foucault da disciplina de entremeio da AD, podemos marcar que o sujeito discursivo ao se inscrever/desinscrever em diferentes processos de subjetivação, está circulando por diferentes formações imaginárias e ideológicas. Trata-se, então, de movimento possível de ser analisado pelo analista de discurso a partir de marcas e percursos inscritos em seu discurso mediante formações discursivas.

Uma das possibilidades de construção do lugar de análise para o analista de discurso é a relação constitutiva do dito com o não dito, ou seja, a relação fundante de sentidos e sujeitos com o silêncio (ORLANDI, 2007).

Por essa relação, quando o sujeito, em seu discurso, enuncia conforme uma determinada formulação, ele não o está fazendo por outras inúmeras outras possibilidades de formular o enunciado, o que marca os efeitos de captura e/ou ruptura ideológica, ou se filiar a uma formação discursiva e não em outra.

Como todo discurso é produzido a partir de determinadas condições de produção, as quais são afetadas pela história e ideologia, o discurso, então, faz circular efeitos de sentidos conforme esse atravessamento. Com isso, podemos compreender os efeitos que a discursivização sobre sujeitos-meninas e sujeitos-meninos podem determinar-lhes, e uma posição-sujeito e não outras. Ao tornar público um discurso que enaltece a posição de sujeito-mulher à sombra do sujeito-homem, ao idealizar a posição assumida de, então, vice-primeira-dama, há uma construção de sentido na relação com o não dito ao não enaltecer a posição sujeito-mulher de e no poder.

Dessa forma, compreendemos as possibilidades de processos de subjetivação ao defender que, mesmo com os efeitos de pré-determinação, o

sujeito discursivo pode deslizar, fazendo deslocar sentidos, desinscrevendo-se de um processo de subjetivação e inscrevendo-se em outro e, assim, constituindo-se como sujeito.

Como, neste artigo, esses movimentos e processos são analisados na web, convocamos Maingueneau para esta construção teórico-metodológica.

Dominique Maingueneau apresenta o funcionamento de dois grandes tipos de unidades: *tópicas* e *não tópicas*. De acordo com o teórico (2007), as unidades *tópicas* são espaços pré-delineados pelas práticas verbais:

Pode-se tratar de tipos de discurso relacionados a um dado setor de atividade da sociedade – discurso administrativo, publicitário, etc.– com todas as subdivisões que forem necessárias. Esses tipos englobam um certo número de gêneros de discurso, compreendidos como dispositivos de comunicação socio-historicamente variáveis (o telejornal, a consulta médica, o guia turístico, etc.). Mesmo os gêneros definidos por um autor, como ocorre com frequência em literatura ou em filosofia, somente são definidos no interior de práticas verbais instituídas (MAINGUENEAU, 2007, p. 30).

Diferentemente das unidades tópicas, as unidades *não tópicas* são construídas pelo analista independente de fronteiras pré-estabelecidas. De acordo com Maingueneau (2015), as formações discursivas são entendidas como unidades não tópicas e “[...] têm por função integrar textos de diversos gêneros em conjuntos mais vastos, reunidos em torno de um foco, às vezes, de vários” (MAINGUENEAU, 2015, p. 95). Dessa forma, compreendemos que os textos estão inscritos em diferentes formações discursivas, que poderão ser distinguidas a partir dos *percursos* estabelecidos.

Formações discursivas e percursos, segundo Maingueneau (2005), constituem as unidades não tópicas e são utilizados a fim de o analista compreender, por meio da dispersão das lexias escolhidas, a circulação dos diferentes sentidos que são produzidos. Por conta do dispositivo mobilizado (*Facebook*), as análises são pautadas mais precisamente nas unidades não tópicas, pois, de acordo com o autor (2014), os textos da web não possuem um gênero do discurso pré-delineado. Na web, há o funcionamento do hipergênero, que, em suma, seria um grande rótulo que abriga características comuns de diferentes gêneros:

Se existem, evidentemente, “gêneros” na web, grandes categorias de sites (sites comerciais, sites de informação, sites de compartilhamento de vídeos etc), não se trata de gêneros clássicos. Temos de lidar mais com uma categorização que tem a ver com o que chamamos acima de hipergênero (MAINGUENEAU, 2015, p. 164).

O hipergênero manifesta-se nas “cenas de enunciação”, conceito apresentado pelo mesmo estudioso (2006) e que permite enfatizar a importância do trabalho de encenação daqueles que se dedicam a permanecer

como participantes de um gênero do discurso. Maingueneau (2015) salienta que a cena de enunciação de um gênero de discurso faz interagir três cenas: a cena *englobante*, a cena *genérica*, e a *cenografia*. Para ele (idem), “A *cena englobante* corresponde à definição mais usual de ‘tipo de discurso’, que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso” (como, por exemplo, o “discurso feminista”)⁴. “As *cenos genéricas* funcionam como normas que suscitam expectativas”⁵ dentro dos gêneros discursivos. Entretanto, na web há um enfraquecimento da cena englobante e da cena genérica, já que não há gêneros do discurso pré-estabelecidos. Nesse sentido, a *cenografia* torna-se mais relevante, a peça-chave das cenas de enunciação da web.

A noção de cenografia apoia-se na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Entendemos que todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Ela é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Essa construção não é simplesmente um cenário (MAINGUENEAU, 2015, p. 123); ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve, então, estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso.

Ainda sobre a cenografia, “[...] le principal souci est la mise en scène de la communication, qui mobilise massivement les ressources proprement verbales, multimodales (image fixe, mouvant, son) et les opérations hypertextuelles” (MAINGUENEAU, 2013, p. 80).

Na rede social *Facebook*, podemos reconhecer dois tipos de cenografia: verbal (propriamente linguística) e digital, que, de maneira simplificada, inclui as imagens e suas disposições.

Além dos conceitos mobilizados de Dominique Maingueneau, acreditamos que o uso dos conceitos de processos de subjetivação e das relações de poder, teorizados por Michel Foucault, podem contribuir para uma análise mais apurada do nosso corpus.

3 Análises e discussão

Elegemos publicação postada na página do *Facebook* “Empodere duas mulheres”, em 26 de janeiro de 2015⁶, selecionada a partir da busca por publicações que trouxessem a lexis “sororidade”. A publicação em questão recebeu 856 curtidas, 184 compartilhamentos e 16 comentários diretos, todos de sujeitos-mulheres, como pode ser observado na Figura 1:

⁴ Maingueneau, 2014, p. 118

⁵ Maingueneau, 2014, p. 120

⁶ Publicada no dia 26 de janeiro de 2015. URL da página: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts> (acessada em 22/07/2016)

FIGURA 1: “Empodere Duas Mulheres”



FONTE: Página do Facebook “Empodere Duas Mulheres”, de 26 de janeiro de 2015.

A publicação traz em evidência duas cenografias existentes na composição do texto. A primeira delas é composta por um texto imagético e a segunda, pela presença de uma espécie de verbete de dicionário, o que indicia uma necessidade ainda de explicar o termo “sororidade” aos usuários da rede social.

Iniciaremos nossas análises pelo texto imagético, no qual observamos duas mulheres de mãos dadas munidas de facões, que, pelo efeito inesperado da construção dessa cenografia para mulher, acreditamos ser ele o responsável por provocar a atenção inicial dos usuários na rede social.

Em primeira análise, é possível afirmar que o uso dos facões, bem como o das expressões faciais duras, vai contra a construção social de que a mulher deve ser feminina e, por isso, não deve ter expressões que remetam ao universo masculino ou portar armas – também ligadas às construções do imaginário dominante socialmente aceito sobre marcas essencialmente esperadas para o masculino. Com isso, embora elas trajem vestidos e acessórios (colares) tipicamente ligados aos sentidos dominantes e esperados para o feminino, portam, também, ferramentas utilizadas tipicamente em trabalhos que exigem considerável força física, o que, pelo imaginário dominante, é destinado ao manuseio tradicionalmente feito por homens. Dessa forma, ao transitar entre o esperado e o inesperado, emerge, então, a cenografia da mulher em luta.

Destacamos, também, que, sobre o texto imagético, lê-se “Filhas da luta”, que pode remeter ao termo “Filhas da puta”, considerado um xingamento, cuja memória discursiva está interligada à cultura de desvalorização das prostitutas e, conseqüentemente, das mulheres. Ser filho de uma prostituta é ideologicamente considerado algo negativo, pois prostitutas são vistas como “sem valor” na sociedade, alguém que esteja na ordem dos infames, da escória. Ao transformar “filhas da puta” em “filhas da luta”, ocorre um deslocamento capaz de fazer com que o sentido deslize e a ideologia sobre o valor das mulheres e seus papéis sociais seja questionada.

A mulher, que antes era “puta”, agora é a mulher que luta para ter seu valor reconhecido. Nesse sentido, encontramos com indícios de um dos funcionamentos dos processos de subjetivação, por meio do qual se questiona a lógica pré-estabelecida, naturalizada por diversas práticas discursivas. O sujeito pré-determinado irrompe nesta outra cenografia constituindo-se por novos sentidos. Há um jogo fonológico, semântico e ideológico entre os dois enunciados que repercute um efeito de deslocamento de uma memória discursiva no interlocutor.

Na sequência ao enunciado “Filhas da luta”, somos interpelados por um segundo enunciado: “empodere duas mulheres”. Nesse enunciado, há um verbo no imperativo, provocando o efeito de sentido de urgência, convocando um sujeito não determinado à causa. Interpretamos que, ao não marcar, na morfologia do verbo, a quem é destinada a convocação, engendra-se o efeito de coletividade, por meio do qual qualquer um (ou todos) pode (ou deve) juntar-se às práticas discursivas de empoderamento. A coletividade como constitutiva do processo de subjetivação necessária ao empoderamento feminino é reforçada no objeto direto do enunciado “duas mulheres”, não “a” mulher que ocupa a posição sujeito esperada e pré-determinada pela sociedade, ou “a” mulher que pertence a uma formação discursiva mais próxima à imagem da mulher em luta. Trata-se de afetar toda mulher em qualquer nível de processo de subjetivação em que esteja. Mais ainda, “duas” mulheres, sujeito-mulher não isolado, sujeito que se constitui como mulher na relação com outra.

Essa inter-relação constitutiva e edificante também é indiciada pela segunda cenografia existente: a de uma espécie de cartaz militante, no qual há a imagem das duas mulheres com os facões, armadas não em sentido de enfrentamento mútuo, mas aliadas na irmandade pelo efeito de sentido provocado pela junção de suas mãos. Defendemos que é na construção da cenografia desse duplo armamento, o primeiro pela posse dos facões, o segundo pelo enlace das mãos, que o cartaz circula para além da função publicitária. Essa construção encontra com o funcionamento da função de interpelação, a de chamar a atenção para uma questão proeminente na sociedade: o empoderamento feminino em consonância aos sentidos de sororidade. As duas cenografias trabalham juntas para construir os sentidos que ali circulam, quais sejam, unir-se para se desinscrever da posição-sujeito pré-determinada de inferiorização da mulher.

Analisados os efeitos de sentidos de empoderamento, partiremos para a análise da segunda lexia, “sororidade”:

RECORTE 1: Sororidade é o pacto estabelecido que faz das mulheres irmãs, e não competidoras. Uma mulher nunca é a minha inimiga. A minha sororidade serve a todas as mulheres que dela precisarem.

Interpretamos o movimento da postagem de marcar o sentido da lexia como um efeito de circulação do termo que nos parece ainda estar restrito a páginas feministas e discussões desta ordem, fazendo emergir a necessidade de uma explicação do termo.

Compreendemos que o uso de pronomes possessivos como “minha” em “*minha* inimiga” e “*minha* sororidade” possibilitam um efeito de

aproximação entre o locutor e o interlocutor na web. Uma aproximação que convoca, chama e congrega.

Interessante notar como este movimento é repetido e ampliado pela possibilidade do mecanismo próprio do *Facebook*, que permite a interação de sujeitos-usuários da rede tanto com a publicação como com outros sujeitos.

FIGURA 2: Seleção dos comentários por meio dos quais sujeitos usuários da rede social convocam outros sujeitos pelo mecanismo de “marcação de amigos”.



Interpretamos que, tanto no enunciado do recorte 1 como no efeito de convocar outros sujeitos-mulheres à publicação pelo mecanismo de “marcação de amigos”, circulam sentidos de desconstrução do interdiscurso de que as mulheres não conseguem ser amigas, discurso dominante em nossa sociedade. Assim, por meio do interdiscurso, é possível recuperar um discurso presumivelmente machista que circula sobre a relação entre as mulheres e, ainda, atestar que o enunciado é produzido como resposta a ele. Aquele, em tom convocador, clama pela congregação de mulheres que, empoderadas, possam se contrapor ao discurso que as coloca em uma condição de inferioridade ao homem e rivalidade entre si, uma rivalidade que pode ser questionada a partir do efeito de sentido de afetividade que é reverberado nos comentários⁷ recortados a seguir:

RECORTE 2: tinha que ser nós duas (emoticon piscando o olho e sorrindo) [Sujeito J convocando sujeito U].

RECORTE 3: amo você [Resposta do sujeito M a partir da convocação do sujeito L].

RECORTE 4: sempre [Resposta do sujeito B' à convocação do sujeito B].

⁷ Por questões éticas, os nomes dos sujeitos-usuários e suas fotos foram cobertas inclusive no recurso de convocação a outros nomes/usuários. Mantivemos apenas a inicial de cada nome de sujeito-usuário para melhor descrever a interação entre eles.

RECORTE 5: convocação seguida de emoticon de coração [Comentário do sujeito P convocando sujeito M]

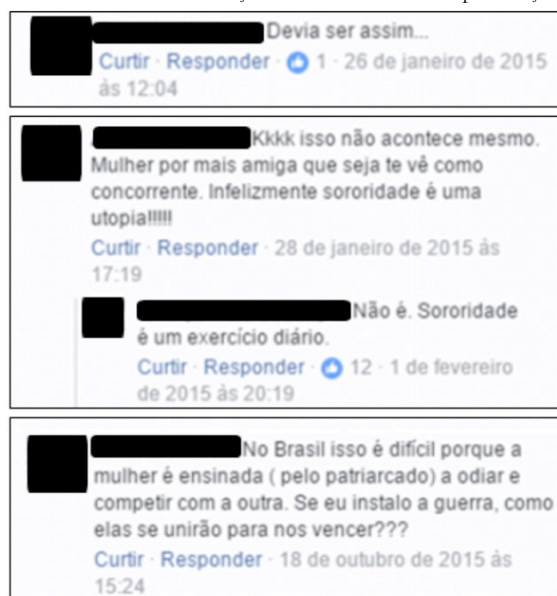
RECORTE 6: dois emoticons de coração [Resposta do sujeito J à convocação do sujeito P].

Desses enunciados que edificam uma outra relação entre as mulheres, destacamos o recorte 4 “sempre”, que interpretamos causar um efeito de sentido provocador, não apenas contrariando o discurso dominante sobre mulher, mas o negando por meio de um efeito de apagamento desse discurso ao trazer um termo que sugere a ideia de um continuum, como se sempre os efeitos de sororidade circulassem nos espaços de enunciação dos discursos sobre mulher.

Dessa forma, defendemos que a cenografia mobilizada pela cena é a figura da mulher (tanto no texto imagético, como no verbete “sororidade”, quanto nos efeitos dos comentários) em posição de combate, que chama suas semelhantes para a luta, pois a luta não é de uma, mas de todas as que desejam se desinscrever de uma condição pré-determinada.

Trata-se de uma pré-determinação que irrompe mesmo em um espaço enunciativo que, predominantemente, combate e até tenta apagar os efeitos do discurso dominante. Compreendemos que é pela possibilidade de instauração do discurso polêmico (ORLANDI, 1996) permitida na web que nos encontramos com os indícios da polêmica nos discursos sobre mulher. Como já discutimos, o discurso sobre mulher é carregado do jogo tenso entre paráfrase e polissemia (Idem, idem), que permite a significação e constituição de sentidos e sujeitos em diferentes formações discursivas, que se encontram em diferentes processos e níveis de subjetivação, como pode ser observado nesta segunda seleção de comentários na publicação:

FIGURA 3: Outra seleção dos comentários na publicação



Na figura 3, podemos encontrar com duas formações discursivas distintas e em conflito. A primeira, retomando sentidos do discurso dominante:

RECORTE 7: kkkk isso não acontece mesmo. Mulher por mais amiga que seja te vê com concorrente. Infelizmente sororidade é uma utopia [Comentário postado em 28 de janeiro de 2015, por um sujeito-mulher].

RECORTE 8: No Brasil isso é difícil porque a mulher é ensinada (pelo patriarcado) a odiar e competir com a outra. Se eu instalo a guerra, como elas se unirão para nos vencer??? [Comentário postado em 18 de outubro de 2015, por um sujeito- mulher].

Interpretamos que ambos os comentários marcam uma resposta disfórica à cenografia instaurada na publicação. No recorte 7 “kkkk isso não acontece mesmo”, temos o termo “isso” funcionando como um pronome com função anafórica que retoma o verbete sororidade da publicação, contradizendo-o pela tentativa de invalidá-lo ao negar como acontecimento, atestado que é enfatizado pelo termo “mesmo”, e que tem a sua legitimidade excluída pela comparação à “utopia” e ironizado pela interjeição “kkkk”, que funciona como um simulacro de riso na web. Consideramos bastante interessante a emergência do riso neste enunciado. Segundo Propp (1992), o riso emerge quando algo foge ao esperado, ou seja, quando a lógica da ordem pré-estabelecida é desestabilizada, fazendo irromper o inesperado, o novo. Entendemos que, pela falta de familiaridade ou descompasso com o cenário inteligível ao locutor, ele interpreta o novo cenário pela via do humor, reagindo com o riso e com a ironia.

Interessante notar como nos dois recortes os sujeitos que enunciam colocam-se fora do conjunto mulher, e fora do próprio discurso, criando o efeito de desresponsabilização por seus dizeres. Nos recortes: “*Mulher* por mais amiga que seja *te vê* como concorrente”, “*a mulher* é ensinada”, “*a outra*”, “*elas*”, temos indícios de uma distanciação nos discursos desses sujeitos que enunciam à condição do sujeito-mulher.

Refletindo sobre dito na relação fundamental com o não-dito (ORLANDI, 2007), é possível considerar que teríamos outros efeitos de sentidos e uma filiação a outra formação discursiva caso os enunciados fossem construídos com outras formulações, como: “nós mulheres”, “eu vejo”, “sou vista”, “somos ensinadas”. Compreendemos que o efeito de distanciamento é o que permite a inscrição de um discurso (de) outro. Efeito reforçado no último período do recorte 8: “Se eu instalo a guerra, como elas se unirão para nos vencer???””, entendemos que o termo “eu” não reflete a posição social do sujeito que enuncia, sujeito-mulher, mas traz o efeito de virtualização da posição, quando este sujeito-mulher migra para outra formação discursiva esperada para ela coincidindo com a posição dominante do sujeito-homem. Entendemos esse efeito como um atravessamento ideológico, o discurso de outro que fala em sua voz, trazendo a captura ideológica no discurso de um

sujeito do qual se espera, pelo uso do termo “patriarcado”, ter uma proximidade ao discurso feminista.

Finalmente, temos os recortes 9 e 10:

RECORTE 9: Devia ser assim [Comentário publicado em 26 de janeiro de 2015].

RECORTE 10: Não é. Sororidade é um exercício diário” [Comentário em resposta à enunciação do Recorte 7 “Infelizmente sororidade é uma utopia”].

Para encerrar essas análises, elegemos esses recortes por compreendemos que trazem as marcas da complexidade dos processos de subjetivação sobre o ser mulher. No recorte 9, encontramos com um enunciado que nos parece ser tecido em um misto de lamento e conformidade ao trazer o verbo “dever”, que traz o sentido de obrigatoriedade em uma forma não literal da conjugação no pretérito imperfeito exercendo função de futuro do pretérito (deveria → devia), tempo verbal que denota o efeito de sentido de um acontecimento que nunca se concluirá.

Optamos por não assumir o tom de lamento, muito menos de conformidade, e aproximamo-nos da formação discursiva indiciada pela resposta à descrença no recorte 10. Defendemos que empoderamento feminino e sororidade não são utopias, não devem ser conjugadas no pretérito imperfeito em tom de lamento, mas na compreensão de que sentidos e sujeitos são como discursos sempre em curso, sempre em construção e transformação, no exercício diário de desinscrição-inscrição.

4 Considerações finais

Por meio da breve análise e do entendimento da existência das duas cenografias, portanto, é possível circunscrever alguns possíveis sentidos para *sororidade* e *empoderamento* e verificar como se dá a construção do discurso feminista dentro da rede social e sua consequente circulação nesse dispositivo. Ademais, as cenografias mobilizadas, a do verbete de dicionário e a do cartaz militante, além de legitimar o discurso feminista, apresentam-se numa relação polêmica, sobretudo no que tange ao padrão estético de beleza feminina valorizado atualmente na nossa sociedade, ou seja, são mobilizadas duas mulheres negras, vestidas com traje de trabalho no campo e aparência sofrida por conta do labor.

À luz do pensamento foucaultiano, numa primeira leitura do corpus, é possível interpretar que o cartaz em questão produz pelo menos dois tipos de subjetivação em relação às mulheres. Primeiramente, traz à tona sujeitos que não frequentam espaços de circulação midiática, ou seja, traz mulheres negras, que não são jovens, com vestimentas do cotidiano. Segundo, são sujeitos mulheres que estão à frente do combate, isto é, apresentam-se como protagonistas de sua história. Não há nenhuma indicação verbal ou icônica que apresente a mulher uma condição de dependência ao homem. Essas subjetivações produzem efeitos tanto nos sujeitos enunciadore

coenunciadores. Essas breves incursões analíticas que se dão a partir do pensamento de Dominique Maingueneau e de Michel Foucault sinalizam a possibilidade de uma análise mais refinada que busca, num mesmo gesto, dar conta do discurso em sua espessura linguístico-histórica.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980. in **Exame Nacional do Ensino Médio**. Brasil. 2015
- CARLOS, Marina. **Bela, recatada e do lar: campanha feminista invade as redes sociais**. Disponível em <<http://www.metrosoles.com/vida-e-estilo/comportamento/bela-recatada-e-do-lar-campanha-feminista-invade-as-redes-sociais>> (acessado em 27/07/2017)
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito** (Resumo dos Cursos do Collège de France/- 1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar.1982.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade (Vol. II: O uso dos prazeres)**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade (Vol. III: O cuidado de si)**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. "O Sujeito e o Poder." In: RABINOW, P e DREYFUS, H. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.229-249, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- LIMA, Taís. **Enem 2015: questão sobre feminismo é comentada nas redes sociais**. Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/questao-sobre-feminismo-no-enem-2015-e-lembrada-nas-redes-sociais.html>> (acessado em 27/07/2017)
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Editora Pontes e Campinas: Unicamp, 1989
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2006
- MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**, v. 14, n. 20, p.13-37, Rio de Janeiro, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos da Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. Genres de discours et web: existe-t-il des genres web. In: BARATS, Christine. **Manuel d'analyse du web en Sciences Humaines et Sociales**. Armand Colin: Paris, 2013. p. 74-97.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**, 1 ed., São Paulo: Parábola, 2015

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes. 2007.

PACÍFICO, S. M. R. **Os fios significativos da história: leitura e intertextualidade**. 1996. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras Julio de Mesquita Filho, 1996

PACÍFICO, S. M. R. **Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer**. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP Ribeirão Preto. 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ª edição. Campinas: Unicamp, 2009.

PEREIRA, Marina Coelho. **O dizer da criança e o discurso publicitário sobre o brinqueado na construção dos sentidos sobre masculino e feminino**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. 2014.

PEREIRA, M. C.; PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. M. S. Os sentidos produzidos sobre a mulher: discurso e silêncio. *Espéculo. Revista de Estudos Literários*. Universidad Complutense de Madrid, no 42, julho/outubro/2009, ano XIV. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero42/disilenc.html>>

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **Bela, recatada e do lar: matéria da 'Veja' é tão 1792**. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-dolar-materia-da-veja-e-tao-1792>> (acessado em 27/07/2017)

Recebido em 31 de março de 2018.

Aprovado 23 maio de 2018.

Publicado em 31 de junho de 2018.

SOBRE AS AUTORAS

Mariana Morales da Silva é doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, Brasil; e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

E-mail: marianamoralesdasilva@gmail.com

Mariana Guidetti Rosa é mestranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, Brasil. É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: marianagrosa@gmail.com